

## MULHER, MITO E SOCIEDADE: PERCEPÇÕES A PARTIR DA OBRA *MEDEA(I)MATERIAL*

**BRENDA CASTRO DOS SANTOS<sup>1</sup>; LUCAS BEZERRA FURTADO<sup>2</sup>; LARISSA PATRON CHAVES<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – brendabecastro@hotmail.com.br*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lucasbfurtado,lb@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada previamente como: "Somos todas Medea: Arte, Discurso e Permanências na análise da dramaturgia e da encenação *medea(i)material*" desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal de Pelotas com orientação da Prof. Dra. Larissa Patron Chaves. O projeto de dissertação tem como temática analisar a dramaturgia, a encenação e o discurso político encontrado no resultado cênico *medea(i)material* – concebido no Duo Duou de Teatro – um monólogo com atuação da autora desta escrita, direção de Lucas Furtado e dramaturgia adaptada por ambos a partir da obra original de Heiner Müller.

O recorte escolhido para este trabalho são as relações entre gênero, mito e sociedade, e portanto tem como objetivo aproximar o mito de Medéia com a realidade das mulheres da atualidade buscando tecer paralelos entre o arquétipo apresentado na narrativa de Eurípedes (431 a.C) e as narrativas de mulheres contemporâneas produzidas no processo de montagem da peça.

Para articular estas ideias, este trabalho se ancora nas teorias de gênero de BUTLER (1986) e no conceito de *habitus* de BOURDIEU (2007), no estudo das máscara femininas escritos por BRONDANI (2016) e, também, o processo de criação de *medea(i)material*.

### 2. METODOLOGIA

Como metodologia de escrita deste texto, pretendemos descrever os procedimentos preparatórios adotados para tocar na construção das personalidades da personagem para a cena e em seguida fazer uma articulação teórica com as autoras e autores do projeto de dissertação.

Partindo do mito grego de Medéia (431 a.C) e de Medeamaterial de Heiner Müller, a adaptação de *medea(i)material* relata a história de uma mulher, princesa de Cólquida, que se apaixona por Jasão e o ajuda a conquistar seus maiores feitos através da magia. Ela abandona a terra natal e a família para seguir o sonho de encontrar um futuro melhor. Porém, ao longo da encenação descobrimos que Jasão a abandona, junto de seus filhos, em troca de uma mulher mais jovem e mais poderosa, visto que Medéia não tem mais como oferecer poder político em terras estrangeiras. Como resposta, Medéia decide tirar tudo que Jasão tem, mostrando que sua essência bárbara e feiticeira nunca abandonaram.

O processo inicial de preparação desta obra levou um ano e meio. Sua estreia – em abril de 2022 – em palco italiano, contou com um tipo de

movimentação cênica diferente da atual. Ao longo dos últimos anos ocorreram mudanças e apresentações em diferentes espaços, assim como no resultado cênico do processo e na construção da personagem.

A constituição da personagem se deu a partir da aglutinação de diferentes elementos, trazidos pouco à pouco para o processo. Um deles foram as fichas de RPG que deram forma às personalidades tão impactantes da Medéia, e a partir disso, encontramos o discurso de gênero latente tanto na dramaturgia de Eurípides, como na nossa. Além dele podemos refletir outros aspectos da sociedade através desta personagem milenar.

A proposição de dividir as pessoas que habitam dentro de Medéia, veio junto à ideia de construção de 5 fichas de RPG, uma para cada arquétipo da personagem, sendo eles: Eudora - a feiticeira anciã; Alissa - a adolescente; Selene - apaixonada; Bina - a mãe e Donna - a vingativa. Para cada uma foi escolhida uma mulher da vida da atriz que remetesse a esses arquétipos. Natalie Haynes, já escreve um pouco sobre esse conceito de existir várias personas em Medéia e como isso contribui para a constituição dessa personagem múltipla.

Medeia é uma mulher de emoções profundas e, ainda assim, consegue disfarçar o grau extremo de suas emoções por trás de uma fachada de argumentos cuidadosamente construídos. Ao longo da peça, a veremos assumir uma persona diferente a cada conversa que tem: contrita, enraivada, afável, humilde, furiosa. Todas essas mulheres estão dentro dela. Não é à toa que seja um papel que as atrizes imploram para interpretar. Medeia é uma performer até a medula. E, quando a ocasião exigir, ela sempre representará (HAYNES, 2023, p.270).

Ao longo da confecção dessas fichas percebemos que as histórias das mulheres da atualidade tinham diversos paralelos com a história mitológica, e assim, *medea(i)material* foi ganhando densidade e aprofundamento. Através da atriz que tem seu encontro com Medéia e com as mulheres de sua vida, um novo mito passa a ser construído.

Para explicar esse conceito trago um recorte do artigo de Joice Aglave Brondani (2016), que em seus estudos trouxe associações entre a máscara da Cortigiana da Commedia Dell'arte, com as figuras de Iansã e Pombagira, estas que por sua vez também tem paralelos traçados com as personas que constituem Medéia. A autora diz que

ocorre na narrativa uma sobreposição, pois não é a atriz que conta ou vive o mito, mas o mito é que conta a história de personas atrizes, invocando outros mitos: a máscara/mito (Cortigiana) invoca a deusa/entidade/mito (Iansã e Pombogira) dentro da narrativa de fatos da vida das atrizes. Com isso, a dramaturgia ganha camadas de signos e significações, onde um mito fortalece o outro e a si mesmo através da constatação de características similares e dialogais (BRONDANI, 2016, p. 2973).

É através desses 3 eixos – atriz-personagem-mulheres – que construímos a peça nos dias de hoje. Em cena não existe somente a representação do mito, mas a junção de todas essas narrativas que tocam o público de forma única. Entender que esses 3 eixos se complementam não foi rápido, embora seja quase óbvio que coexistam.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Frente a tudo isto, podemos debater as temáticas propostas na introdução a partir do conceito de gênero da Judith Butler (1986, p.1) no qual "[...] Gênero é o significado cultural e a forma que aquele corpo adquire, os variáveis modos de aculturação desse corpo". Ou seja, ela defende que não nascemos com nosso gênero pré-estabelecido e sim que o incorporamos a partir de outros elementos como, nesse caso, a cultura. Ao escolhermos nos apropriamos desse gênero.

Outro elemento que pode caminhar junto desta teoria da Butler é o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. O autor diz que

condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações (BOURDIEU, 2007, p. 164).

Para Bourdieu, as estruturas da sociedade estão demarcadas há tempos e que sem que percebam as pessoas pensam, agem e sentem através dessas práticas sociais já estabelecidas. Nesse caso, podemos associar o conceito dos dois autores, já que um acredita que a construção do gênero é feita pela cultura e o outro comprehende que a cultura é algo socialmente determinado. É seguindo essa linha que ressaltamos a inferiorização da Medéia ao longo dos anos. Ela é escrita por diversos autores homens que deturpam sua narrativa, inferiorizando-a enquanto mulher por não seguir o padrão das épocas.

E é a partir da arte que podemos questionar a sociedade que até hoje segue os padrões impostos pelo patriarcado e o machismo, para que milhares de Medéias não se manifestem perante a um sistema que diminui elas constantemente.

Medéia, neste sentido, também é uma personagem ímpar, que rompe com os ensinamentos de sua época. Na antiga Atenas, por exemplo, as mulheres não poderiam se rebelar contra seus maridos. Eurípides retrata uma mulher à frente de seu tempo, e que como toda mulher visionária, a história tenta fazer com que se reduza à mulher louca, a infanticida – caminho inverso percorrido por esta mulher inteligente e estratégica.

Como uma sociedade machista, nota-se que existe um padrão de colocar mulheres poderosas no papel de histéricas, na tentativa de impedir que tenham liberdade de demonstrar força, porque mulheres fortes não precisam da "força do homem". Quantas histórias não colocam Medéia como vilã? E quantas falam que Medéia conseguiu as vitórias de Jasão, ou que sem ela não existiriam todos os seus grandes feitos?

São inúmeras as Medéias que podemos encontrar nos dias atuais, mulheres traídas, tiradas de suas famílias e terras com o sonho de liberdade. Encontramos isso inclusive em outras mitologias. Joice Aglae Brondani fala da Pombagira em seus escritos e aqui retomamos sua figura. Ela, que logo no começo do processo fez parte da concepção da personagem, e hoje compreendemos que a força latente com que Medéia é retratada em cena se assemelha à força que Pombagira tem, já que "Pombagira é a mulher em sua potência máxima de liberdade, que ganha corpo em todos os corpos" (CUMINO, 2024, p.27).

Trazendo Pombagira como mais uma camada dessa discussão podemos voltar à temática de como a mulher poderosa é temida ou reduzida em nossa sociedade. Nada melhor que a mulher mais perseguida dentro das religiões para

dar o exemplo de que a sociedade teme a mulheres conheedoras e tenta de todas as formas, a partir da visão homem, rotulá-las de outras maneiras.

#### 4. CONCLUSÕES

Percebe-se que não é de hoje que essas questões sociais ocorrem, na Grécia Antiga a mulher já não tinha seu espaço de direito dentro da sociedade; no teatro os homens usavam máscaras para interpretar personagens femininas. Foi só na Commedia dell'arte que tivemos a ascensão de uma atriz – Lucrécia di Siena – no meio teatral, e mesmo assim, mal vista pela sociedade porque não cumpria com o padrão da época.

Figuras como Pombagira e Medéia perpassam os séculos porque rompem de forma potente todos os rótulos fracos que querem colocar nelas. São atemporais, porque pelo sistema que vivemos hoje ainda existem diversas Medéias passando por trajetórias similares à da personagem. É de extrema relevância que ainda se fale nesse assunto, que ainda se tenham encenações em espaços culturais que venham para destruir a lógica machista que rodeia a personagem.

Para além de todo o papel social, houveram mudanças na atriz, que percebeu que o mito de Medéia foi um propulsor para sua compreensão do ser mulher no mundo. A partir disso estruturou-se o projeto de pesquisa para o mestrado e novas camadas da personagem passaram a ser desenvolvidas em sala de ensaio, trazendo um resgate da ancestralidade e da (auto)biografia da mulher-atriz-personagem, assunto que será abordado na dissertação.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRONDANI, Joice Aglaé. **Máscaras femininas da Commedia dell'Arte.** Um caminho para uma dramaturgia. In: Anais do IX Congresso da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. v. 17, n. 1, 2016. Publicado em 19 jan. 2017. ISSN 2176-9516. Disponível em: <https://ojs.portalabrace.org/ojs/brace/article/download/4717/4717-Texto%20do%20artigo-13307-1-10-20200910.pdf>. Acesso em: 24 de ago. 2025.

BUTLER, Judith. **Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex.** Yale French Studies, no. 72, 1986, pp. 35–49. JSTOR, Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2930225>. Acesso em: 24 de ago. 2025

HAYNES, Natalie. **O Jarro de Pandora:** Uma visão revolucionária e igualitária sobre a representação das mulheres na mitologia grega. Tradução: Marta Rosas. 1 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

CUMINO, Alexandre. **Pombagira, a deusa:** mulher igual a você. 4 ed. São Paulo: Madras Editora, 2024.